



Vila Nova de Cerveira – o que ver e visitar

A presença humana no território hoje correspondente ao Concelho de Vila Nova de Cerveira, remonta à pré-história. Entre os vários elementos detectados, merece destaque o tesouro da sepultura da Quinta de Água Branca, cujo espólio está integrado no Museu Nacional de Arqueologia. A grande expansão demográfica que está na base do povoamento actual deu-se durante o Câmbio de Era com a multiplicação do número de castros, já sob uma forte influência da romanização. O melhor exemplo deste movimento pode ser encontrado no Aro Arqueológico de Lovelhe, cuja ocupação se estende desde o séc. I A.C. ao séc. VII D.C. No entanto, o Concelho de Vila Nova de Cerveira só começaria a ganhar expressão territorial aquando do processo de reconquista, após as invasões árabes, o que viria a ser enfatizado pela autonomização do Condado Portucalense, em 1096. É neste período que o Rio Minho assume definitivamente o seu papel de fronteira, forçando ao estabelecimento de pontos fortificados que balizassem e defendessem o curso do rio. Surgia assim as Terras de Cerveira, cujo castelo, localizado no sítio onde hoje podemos encontrar a escultura do cervo do mestre José Rodrigues, tinha por missão patrulhar e defender, fosse contra as investidas árabes, fosse contra as normandas, ou mais vulgarmente contra a vizinha Galiza.

Em 1297, D. Dinis e D. Fernando IV de Castela assinavam o Tratado de Alcanices, pondo fim aos confrontos que tinham ocorrido nos dois anos anteriores. Este tratado mais do que um acordo de paz, delineou a fronteira entre os dois reinos, que desde então conheceria alguma estabilidade geográfica e política. Esta assinatura faria com que fosse novamente necessário fortificar a fronteira do Minho. A partir deste momento iríamos assistir a um renovado esforço de repovoamento da região. Assim surgia a “Vila Nova” de Cerveira com a atribuição da Carta de Foral por D. Dinis, corria o ano de 1321, e a construção de um novo castelo, destinado a proteger a vila em desenvolvimento. O séc. XVII e as Guerras da Restauração marcariam a história deste Concelho e o seu património histórico, ao ser construída uma fortaleza que envolveu a vila, apoiada por dois outros pontos fortificados, a Atalaia do Alto do Lourido, e o Forte de Lovelhe, mandados edificar pelo Governador das Armas do Minho, pressionado pela necessidade de defesa da fronteira. Este novo movimento de construção consistiu basicamente numa reformulação e alargamento da fortificação medieval, à qual foi aplicada uma plataforma voltada ao rio vocacionada para bater a vizinha fortaleza de Goian. O alargamento das muralhas envolveria o burgo, que desde sempre extravasara o perímetro do Castelo. A vila, assim circundada, consolidou o seu edificado mediante os principais eixos viários, a Rua Queirós Ribeiro fechada pela Porta de Valença, a Rua César Maldonado e Costa Brava, com a Porta de Viana, a Travessa da Matriz com a Porta de Traz da Igreja e a Porta do Cais fechando a vila ao rio.

O Forte de Lovelhe, especificamente construído e preparado para resistir às tentativas de união ibérica, acabaria por prestar outros relevantes serviços ao País, em especial nas Invasões Francesas. Se no decurso das Guerras da Restauração a sua presença foi determinante na dissuasão das hostes filipinas, nesta última acção foi tanto mais importante, ao impedir as tropas francesas, sob o comando de Sault, de efectuarem a pretendida travessia do Rio Minho, no dia 13 de Fevereiro de 1809.

O séc. XIX iniciou-se com momentos de agitação e destruição, mas que findariam por trazer a estabilização da fronteira e a paz a estas terras. O seu castelo e fortalezas, de elementos defensivos transformaram-se em património histórico, que importa conservar enquanto símbolos portadores da identidade do Concelho e das suas Gentes. O mesmo se poderá dizer das suas igrejas e demais património histórico, cultural e etnográfico, cujo conhecimento permite compreender, hoje, o que é ser “cerveirense”.

O Turismo, nas suas várias vertentes e enquanto, sobretudo, objectivo estratégico a prosseguir para o modelo de desenvolvimento económico local, é sistematicamente apontado como uma mais valia que o concelho deve potenciar.

Naturalmente, o produto turístico de que falamos alberga e congrega outros sectores que o complementam e enriquecem: o comércio local (em particular, a feira), o mundo rural, o património em todas as suas vertentes, as gentes do concelho e uma localização geográfica privilegiada, são recursos que são necessários a esta aposta que se pretende séria e consistente.



Igreja Matriz

A Igreja actual, dedicada a S. Cipriano, apresenta, na sua fábrica, planta de três naves, separadas por arcos formeiros assentes em grossas colunas toscanas, um arco triunfal de meio ponto, neoclássico, e uma capela mor relativamente exígia para as proporções da igreja. Em contrapartida, exhibe um retábulo barroco de grande beleza, bem como outros laterais da mesma época. A fachada é de feição barroca, bastante imponente e abraçada por duas torres sineiras.

Casa Verde

Imponente construção apalaçada, final do século XIX de estilo brasileiro, que se desdobra em rés-do-chão, primeiro andar e águas furtadas. A fachada exterior está coberta por azulejos de tonalidade esverdeada e a platibanda recortada, coroada de cráteras em granito, com um guerreiro romano, em faiança branca a ocupar a parte central.

Castelo de Vila Nova de Cerveira

Surgiu por volta de 1320, por vontade do monarca D. Dinis, com a finalidade de defender a recém criada povoação de Vila Nova de Cerveira.

De forma oval, medindo cerca 260 metros de perímetro, com o eixo maior de 90 metros e o menor de 65, o castelo de Cerveira encontra-se defendido por oito torres, quadradas, das quais cinco se encostam à cortina do Sul, por ser a de mais fácil ataque. As muralhas têm 7,50 metros de altura sobre 2 metros de espessura e as torres vão de 8 a 13 metros de bombardeiras. Os muros de barbacã atingem 6 metros com 1,50 de grossura, acompanhando a saliência dos torreões.

Conserva ainda toda a couraça medieval de muros, cujas pedras enegrecidas pelo tempo mostram as marcas dos 55 pedreiros que o reformaram nos fins do século XV. Mantêm-se íntegras algumas portas, tais como a do acesso e a de recurso, habitualmente denominada porta da traição, ambas de tipo ogival correspondente à época da construção: a porta de honra é a da torre principal (dos Mouros ou de Menagem) e que foi demolida até meio em 1844. Sobre as aduchas dos seus arcos vêem-se ainda os escudos de D. Dinis.

Capela de Nossa Senhora da Ajuda

Sobre a Porta da Vila e barbacã foi construída, por volta de 1650, a capela de Nossa Senhora da Ajuda.

Trata-se de um pequeno templo, a condizer com a arquitectura da época, mas cujas armas reais, primitivamente em talha dourada, foram feitas pelo canteiro Justino José Esteves, em 1908.

O tecto, apainelado, apresenta pinturas alegóricas à padroeira. As paredes estão revestidas por azulejos, tipo tapete, da fábrica de Coimbra. Calcula-se que sejam de fins do século XVII.

Igreja da Misericórdia

A Igreja da Misericórdia é dedicada ao Senhor Ecce-Homo, cuja imagem, segundo a tradição, foi encontrada enterrada no lugar das Cortes e, desde tempos imemoriais profundamente venerada pelos povos da região e até da vizinha Galiza. A sua existência remonta à criação da Santa Casa da Misericórdia, que da veneração pelo Senhor Ecce-Homo mandou construir um altar em inícios do séc. XVI, para mais tarde ampliar para uma capela. A construção da igreja actual foi iniciada por volta de 1811. Sobre a porta principal sobressai a coroa da realeza portuguesa. No interior da igreja conservam-se duas imagens anteriores à construção da mesma: Nossa Senhora do Leite, em pedra ançã, do séc. XV e o Senhor Ecce-Homo, em madeira, coberto por um manto, do final do séc. XVI.

Pelourinho

Localiza-se dentro do castelo, em frente aos antigos Paços do Concelho e datado de 1547. Assente sobre quatro degraus quadrangulares, ergue-se num fuste oitavado, encimado pelo capitel paralelepípedo de bom efeito decorativo e ornamentado com quatro escudetes, em granito de Sopo. Os escudetes têm as quinas, um emblema heráldico dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira e a data de construção nos restantes dois.

Solar dos Castros

Magnífico edifício, que ostenta na parte central o brasão dos Castro – seis arruelas dentro de escudo oval, suportado por dois leões armados em tenentes. Actualmente alberga a Biblioteca Municipal.

Estação de Via Sacra com 7 nichos da Paixão de Cristo

Trata-se de um conjunto de sete oratórios, com os Passos da Via Sacra, em estilo barroco, construídos no século XVIII. Distribuem-se pelo aro histórico da vila e, na Semana Santa, são palco de manifestações de fé. A fachada é constituída por duas pilastras com capiteis Jónicos, que sustentam um frontão quebrado em forma de voluptas. O frontão é encimado ao centro por uma cruz e por dois pináculos nas extremidades.

Capela de S. Sebastião

A devoção a S. Sebastião ganhou importância com o decorrer das Guerras da Restauração, tendo decorrido a construção desta capela entre os finais do século XVII e inícios do século XVIII, pela guarnição militar que se abrigava no interior do castelo. Trata-se de um edifício de estilo popular, desprovido de ornatos. No interior destaca-se o altar em talha dourada, assim como as imagens de S. Sebastião, Nossa Senhora das Dores e Santa Cecília. Estrategicamente virada para o rio, fora pensada para pedir protecção da fome, da peste e da guerra.

Aro Arqueológico de Lovelhe

Localizado entre a Ponte da Amizade e a Praia da Lenta, compreende uma vasta área com vestígios arqueológicos que nos mostram os últimos 2100 anos de história.

O monte de Lovelhe foi um local que desde cedo conheceu a ocupação humana. Corria o final do 1º milénio a.c. quando aqui surgiu o primeiro povoado - um castro. Tratava-se de uma pequena comunidade vocacionada para a exploração dos recursos piscícolas. Contudo, este local rapidamente conheceria o advento da romanização, fruto da facilidade de contactos comerciais que se podiam desenvolver através do Rio Minho. Aliás, ao chegarmos ao séc. IV d.c., momento em que aqui existia uma importante villae romana, vamos detectar a existência de um porto, e vastas áreas de armazenagem de ânforas, vasos destinados a conter vinho, azeite entre outros produtos, todos eles destinados, àquilo que era à época um comércio bem estruturado. Desta forma vemos surgir entre os inúmeros vestígios arqueológicos restos de cerâmicas gregas, vidros fenícios e moedas romanas provenientes dos locais mais distantes do Império.

Forte de Lovelhe

A situação fronteiriça de Vila Nova de Cerveira, expô-la com gravidade aos perigos da guerra com a vizinha Espanha. Entretanto, para fechar o cerco a qualquer tentativa de passagem pelo Rio Minho, foi construído o Forte de Lovelhe. O Forte é produto de engenharia militar da época, foi construído entre 1660 e 1662 sob a direcção do Mestre de Campo General D. Francisco de Azevedo. É uma fortaleza abaluartada, com a forma de um trapézio e estava preparado para resistir às tentativas de união ibérica preconizada pela dinastia filipina, acabando contudo por prestar outros relevantes serviços ao país, nas guerras que se seguiram, isto é na Guerra de Sucessão de Espanha, na Guerra do Pacto de Família e na Guerra Peninsular. A sua acção foi contudo bem mais relevante, quando das Invasões Francesas, ao impedir as tropas sob o comando de Soult de efectuarem a travessia do Rio Minho, em frente a Vila Nova de Cerveira, em 13 de Fevereiro de 1809.

Fortim da Atalaia

A atalaia é a mais pequena das fortificações que constituíram o conjunto defensivo de vila nova de Cerveira, desde os tempos mais remotos, garantindo igualmente com a sua participação na defesa do Minho. Situa-se na Serra da Gávea, a poente da Capela de Nossa Senhora da Encarnação, num cotovelo do monte, do qual se avista toda a vasta área do rio Minho, desde terras de Valença a território de Caminha. Trata-se de um pequeno fortim de forma circular, actualmente encoberto por denso matagal, composto de vegetação de pequeno porte e frondosas mimosas. Transposta a porta ogival e subidos os cinco degraus, estamos num passadiço que comunica com as aberturas assentes em mata-cães, destinados à colocação de peças de artilharia. Devido à sua disposição, estas podiam cobrir a totalidade da área do rio e do vale. A defesa do fortim e zona destinada à diminuta guarnição era assegurada por uma muralha em pedra, ao fundo da qual foi aberto um fosso com uma profundidade apreciável e de difícil, ou quase impossível, transposição, pois ainda hoje apresenta uns três metros.

Embora a sua estrutura actual nos dê indícios de se tratar de uma construção datável das guerras da Restauração, pelo menos, poderemos reportá-la na época Fernandina ou aos inícios da segunda dinastia, o que nos é sugerido pelos mata-cães que sustentavam as aberturas destinadas aos canhões, que tinham por

missão apoiar o Castelo de Cerveira e o Forte de Lovelhe, que por estarem muito próximos do rio eram, dada essa localização, muito mais vulneráveis.

Capela de Nossa Senhora da Encarnação

Diz a tradição que no local onde hoje se ergue um cruzeiro em granito, a sul da capela, apareceu Nossa Senhora da Encarnação, representada sob a forma de uma pequena imagem, sentada dentro de um oratório de folha e vidro com umas asas. Acrescenta ainda que numa gruta de penedia, perto da capela, vivia um ermitão que era guardião da Senhora.

Cervo (Miradouro)

A escultura do Cervo, da autoria do escultor José Rodrigues, localiza-se no cimo de uma colina, denominada de Alto do Crasto e devido à sua localização, é um miradouro por excelência. Surgiu como forma de homenagem ao símbolo da vila, num local onde em tempos idos, os veados cobriam as encostas férteis em pastos.

Convento de S. Paio

A cerca de 6 quilómetros a nascente de Vila Nova de Cerveira, no extremo das freguesias de Loivo e Candemil, encontra-se o Convento de S. Paio.

Teve como fundador o frei franciscano Gonçalo Marinho, que aproveitou a existência no local de uma antiga ermida dedicada a S. Paio, para construir o convento, em 1532. Todavia, só no século XVI I adquiriu a estrutura que hoje ainda se mantém.